

A morte como ela é

...1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15. Uma brasileira acaba de levar uma bofetada. A cada 15 segundos uma cidadã apanha no Brasil. A cada duas horas uma brasiliense registra queixa de agressão

ANA BEATRIZ MAGNO
DA EQUIPE DO CORREIO

O corpo feminino é escravo do tempo. Sangra a cada 28 dias. Leva nove meses para colocar pessoas no mundo. Apanha a cada 15 segundos no Brasil e morre a cada 48 horas no Distrito Federal. Só nas duas últimas semanas, sete mulheres foram assassinadas no DF. Significa um homicídio a cada dois dias. Todas as mortas tinham menos de 40 anos de idade e três já eram mães quando pararam de respirar. Somadas, deixaram cinco crianças órfãs. Nenhuma com mais de sete anos.

Documentos do Ministério da Saúde mostram que o ritmo da brutalidade está crescendo em todo o país, e particularmente no DF. Só em 2005 os hospitais do Sistema Único de Saúde socorreram 8.464 mulheres agredidas em todo o Brasil, 30% a mais do que os atendimentos registrados em 2000. No DF o aumento foi ainda maior: 65% em apenas cinco anos. Pulou de 129 para 213 meninas, moças e senhoras dilaceradas por socos, pontapés, tiros e facadas nas emergências brasilienses. São feridas eternas na alma e às vezes incuráveis na carne.

No ano passado, mais de 7% das vítimas internadas não resistiram à gravidade dos ferimentos, o que colocou Brasília numa triste posição no ranking nacional da covardia. O Distrito Federal teve a terceira pior taxa de mortalidade hospitalar feminina por agressões. Ficou na frente apenas do Mato Grosso e do Maranhão.

Os especialistas mostram que a morte não chega da noite para o dia e que o primeiro tapa não costuma ser o último. "Isso é um ciclo. Um ciclo mortal. Quando a mulher não morre, um pedaço dela morre em cada surra", analisa o psiquiatra Augusto César de Farias Costa, 53 anos, vice-presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria Cultural. "Nossa cultura é machista, o homem se sente dono do corpo da mulher, mas isso não é suficiente para entender o que está se passando".

Os crimes de 2006 preocupam as autoridades e especialistas por três razões. Primeiro, porque apontam uma tendência de crescimento na barbárie. Segundo, pela traumática herança deixada para os filhos. Terceiro pelo perfil dos homicídios. Só em 2006, seis homens esfecaram o corpo de companheiras com quem partilharam lençóis e depois se mataram.

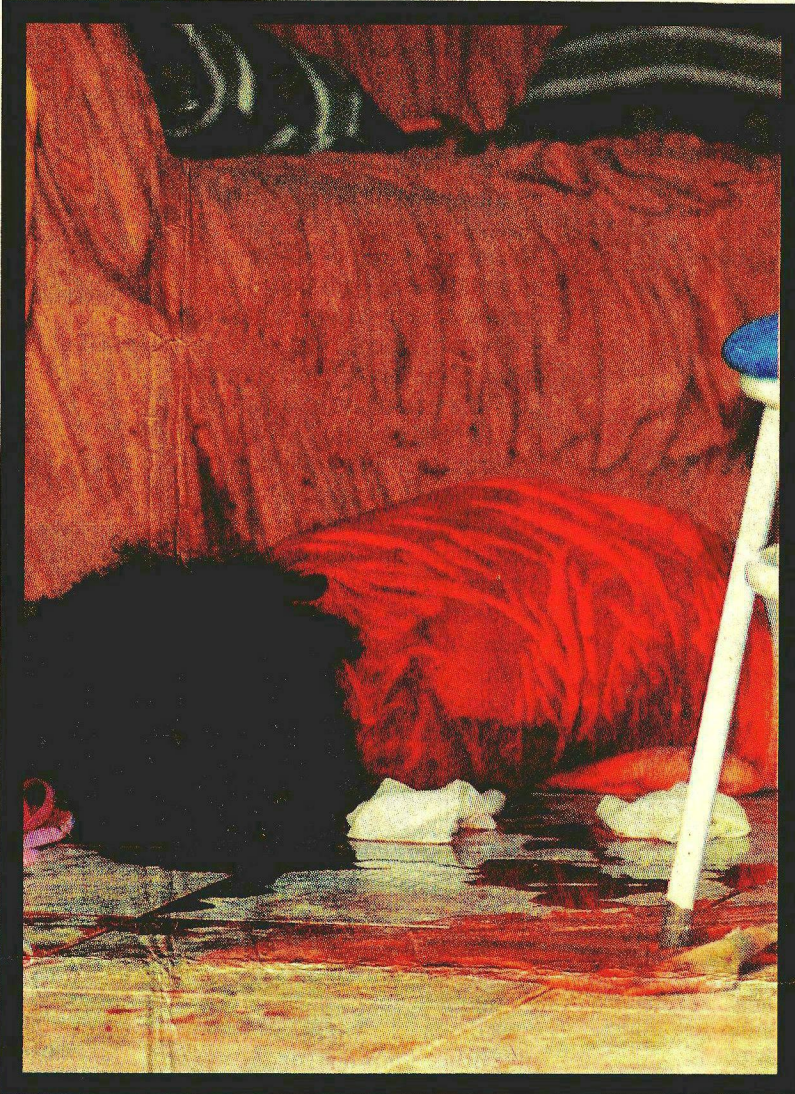
"O cenário realmente está pior", reconhece a delegada Jane Barbosa, da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher. "Minhas noites têm sido infernais. A gente ouve uma mulher a cada duas horas. Em 95% dos casos, ela denuncia o marido, o companheiro ou o ex. Mais da metade dos registros são de ameaças. Ameaças de morte e de espancamento. Depois essa mulher volta para a mesma casa do agressor. Nunca sei se no dia seguinte, ele vai concretizar a ameaça e ela vai aparecer morta".

FILHOS: AS MAIORES
VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Só em 2005, 89 moradores do Distrito Federal choraram o assassinato da mulher que os colocou no mundo. Levantamento do **Correio Brasiliense** nos 12 cartórios do Distrito Federal, revela o retrato da orfandade na capital do Brasil. Mais de 50% dos

órfãos gerados por homicídios, tinham menos de 16 anos quando enterraram suas mães. Nenhum deles morava no Plano Piloto. Mais de 80% conhecia o algoz. Era seu enteado ou seu filho.

Carlos Vieira/CB/18.12.05



NATAL DE SANGUE: TATIANA MARQUES, ASSASSINADA EM DEZEMBRO PASSADO

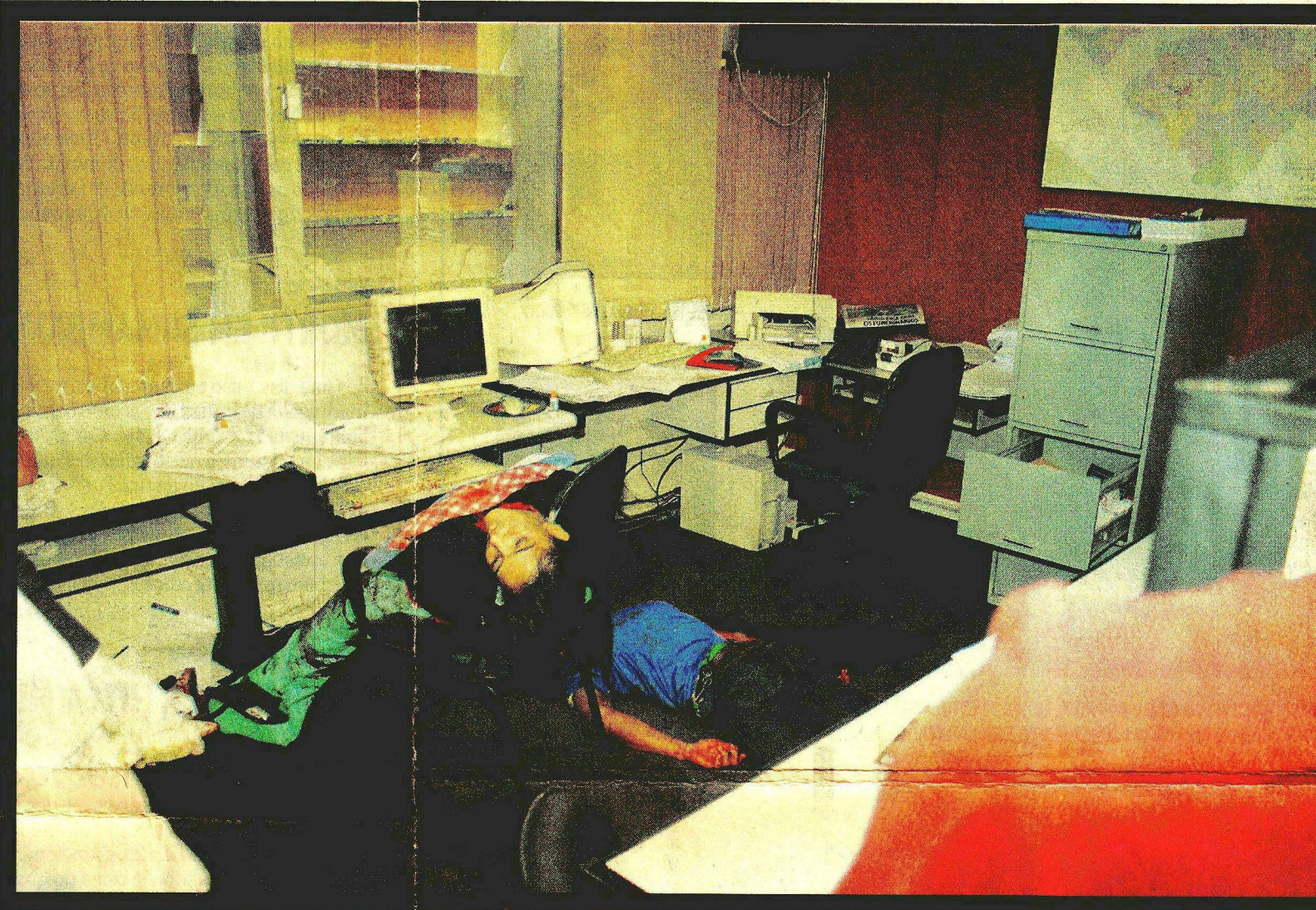
4.600 MULHERES DO DF REGISTRARAM OCORRÊNCIAS DE AGRESSÕES EM 2005

Para amenizar a angústia da policial, a filósofa Marilena Chauí, uma das maiores estudiosas brasileiras das diferenças de gênero ensina uma boa receita. "Precisamos mergulhar na morte para entendê-la sem fingimentos tanto do ponto de vista da vítima quanto do criminoso", alerta a filósofa em seu livro, *A Repressão Sexual*.

Paola Amanda Lima, 19 anos, adora ler, mas não conseguiu guardar a carta de despedida do pai. "Eu queimei. Ele pedia desculpas por ter matado minha madrastra e se matado depois. Me senti um lixo. Fiquei com muita raiva. Eu senti que eu não valia nada para ele. Se a gente, eu e meus dois irmãos, significássemos alguma coisa para o meu pai, ele não teria feito isso. Agora, estamos todos divididos. Um irmão em cada lugar, minha avó chorando pelos cantos", desabafa, Paula Amanda Lima, 19 anos, filha de José Roberto Nascimento Lima, sargento da Polícia Militar que, em agosto de 2005, disparou sete tiros no corpo da esposa e se matou com um bala no peito. "Minha madrastra também tinha um filho de 16 anos. Ele também está sofrendo muito".

A psicologia diz que não há dor maior para crianças e adolescentes do que testemunhar a morte dos pais. No dia 13 de julho, um menino de seis anos e outro de quatro, viram a família acabar. Silvine Guerra de Carvalho, morreu com dois tiros no rosto disparados pelo homem que lhe engravidou duas vezes Rubismar Fernandes Calista não fugiu nem esperou a polícia chegar. Se

Gustavo Moreno/Especial para o CB/20.6.06



CENÁRIO DE PERVERSÃO NO SETOR COMERCIAL SUL: VICENTE VIRANILDO GÓIS DEGOLOU A MULHER KARINA COSTA NUM ESCRITÓRIO EM JUNHO E DEPOIS SE SUICIDOU

matou com um tiro no queixo. Os dois meninos perderam o colo da mãe e ganharam a lembrança de um pai covarde. "Isso é uma tragédia para o crescimento saudável. A família e o Estado precisam encontrar um jeito de aliviar a orfandade que essas crianças sofrerão", explica o pediatra Valdi Craveiro Bezerra, especialista no tratamento de adolescentes.

Para a polícia, a morte de Silvine e o suicídio de José carregam o desgastado rótulo de crimes passionais. Os dois assassinos não aceitavam a rotina de divorciados. "Esse homem que mata e se mata não tem nenhuma ligação com os filhos. A relação dele é toda intermediada pela mulher. Ele é um frustrado pessoalmente, se sente impotente diante das perdas, e culturalmente ainda está impregnado dos mandamentos machistas. Sente-se o dono do corpo da mulher", analisa o psiquiatra Augusto César.

O BRASIL NÃO ESTÁ SOZINHO. 600 EUROPEIAS MORREM ESPANCADAS POR ANO

A doença do ciúmes não ataca só casais. Por vezes, ela vem travestida do pior dos monstros, o abuso sexual ou o desejo de padrastos, pais e parentes por filhas, enteadas e irmãs. Foi assim com a família de Martinha Farias Resende, do Paranoá. Seu marido não suportou a notícia de que a enteada caçula estava namorando com um rapaz. Desandou a brigar com a mulher. Avisou que iria matá-las. "Minha mãe nunca acreditou. Até que numa manhã, ela estava fa-

zendo angü. Ele acertou cinco tiros no corpo dela, matou minha irmã e depois se suicidou. Acabou com toda a nossa vida e nem teve coragem de assumir os erros.", conta Alessandra Resende, de 22 anos, primogênita de Martinha. "E isso aconteceu há dois anos. Mas parece que foi ontem. Tudo aqui me lembra sangue. Nem parece uma família".

A paixão não mata. Isso é doença. "E temos que encontrar um remédio para combatê-la. Acho que o melhor medicamento é a prevenção. Raramente uma tragédia dessas acontece de uma hora para a outra. Ao primeiro sinal de agressividade do marido, a mulher deve pedir ajuda. É a melhor forma dela proteger a família inteira. Inclusive o casamento. Hoje já temos tratamento para os próprios agressores", resume a advogada Suelly Vitorino de Carvalho, do Conselho dos Direitos da Mulher do Distrito Federal, órgão ligado à Secretaria de Assistência Social e que presta atendimento jurídico a 72 vítimas da violência doméstica. "Acho que uma das causas desse aumento de agressões é a certeza de impunidade. A legislação brasileira ainda tem muitas falhas."

29% DAS BRASILEIRAS JÁ SOFRERAM VIOLÊNCIA FÍSICA DENTRO DE CASA

Os dados são de pesquisa da Organização Mundial de Saúde e mostram uma brasileira ainda conformada com as agressões. A lei ajuda a es-

Paulo de Araújo/CB/3.7.05



NA FRENTE DOS FILHOS: SILVIANE CARVALHO, BALEADA PELO MARIDO QUE DEPOIS SE MATOU

se clima de passividade. Não há ainda uma legislação específica sobre o tema, e os casos acabam incluídos na Lei 9.099 que trata dos crimes chamados de "menor potencial ofensivo". Significa, na prática, que se alguém ameaça a namorada de morte, aponta-lhe uma faca, e surra-lhe o corpo, não ficará na cadeia. Pagará, no máximo, custas básicas, como aconteceu com o ator Kadu Moliterno que, em março desse ano, esmurrou a mãe de seus filhos e teve como castigo determinado pela Justiça, o pagamento de custas básicas.

Mas, pelo menos no mundo das leis, há alguma esperança. No mês passado, o Senado aprovou uma projeto de lei do governo federal que aumenta as penas para os agressores e tipifica a violência doméstica como crime. Segundo a Secretaria Especial dos Direitos da Mulher, o presidente Lula deve sancionar o projeto nos primeiros 15 dias de agosto. "A nova lei vai ajudar muito no trabalho da polícia", explica a delegada Selma Carmo-na, 42 anos, há sete na Delegada de Proteção à Criança e ao Adolescente do Distrito Federal.

Entregar o agressor é um ato de coragem. Em quase 97% dos casos quem espanca de dia quem beija de noite. É o pai dos filhos, é o ex, o enciumado que não suporta a felicidade da mulher. "Meu marido não me batia. Mas passou a me espancar depois que eu arrumei um emprego legal. Af era uma surra por semana. Há três meses, ele quebrou meu braço e eu vim morar com a minha mãe. Mas agora chega", conta M.A., 37 anos, irmã de um dos rostos que emolduram estas páginas e que sangraram até a morte nos últimos três anos.

Jose Vieira/CB/Reprodução/4.06



VITOR HENRIQUE É UM DOS 89 ÓRFÃOS DE MÃES ASSASSINADAS NO DF EM 2005